



# III SRCCC

Seminário Regional  
Comércio, Consumo e Cultura  
nas cidades

Sobral-CE, 19 a 22 de junho de 2017

## DO CEARÁ AO PARÁ: PRÁTICAS ESPACIAIS MIGRATÓRIAS

Francisco Ariel dos Santos Silva<sup>1</sup>

Telma Bessa Sales<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por finalidade demonstrar e evidenciar um fluxo migratório ocorrido no século XX, especificamente nos anos 80 desse respectivo século. É notório que desde a formação territorial do Brasil muitos contingentes populacionais migraram a outras províncias e Estados, sobretudo em busca de trabalho, novas atividades econômicas e a sobrevivência que foi o caso de muitos nordestinos. O estudo da migração interna do Brasil vem ganhando ênfase em campo de estudos de diversas áreas, tornando-se evidente que essas correntes migratórias dentro do espaço geográfico trouxeram consequências como: povoamento em áreas despovoadas e trocas de culturas. É possível perceber que há um diálogo específico entre as áreas de conhecimentos como a História e a Geografia. As narrativas (adquiridas por meio de entrevistas) de dois amigos cearenses que migraram ao Norte do Brasil foram fundamentais para evidenciar esse processo migratório partindo do fluxo de Morrinhos-CE à Santa Luzia do Pará-PA. A pesquisa não traz um objetivo específico em explicitar teoricamente a migração interna no Brasil, mas sim dar visibilidade às vozes, as experiências daqueles que realmente vivenciaram esse processo migratório. Tendo em vista, que essa pesquisa é um ensaio inicial.

**Palavras-chaves:** Migração; História Oral; Espaços Vividos.

### 1. Introdução

A referente pesquisa tenta demonstrar a dinâmica do movimento migratório de morrinhenses que saíram do Ceará e foram em busca de novas chances de trabalho e vida no Estado do Pará.

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e bolsista BGPq/PBU GEPECCE – Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Cidades da Região Norte do Ceará. E-mail: arielsantoss800@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), professora adjunta do curso de História e professora do Mestrado Acadêmico de Geografia (MAG) na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: tbessa22@gmail.com

Tendo em vista que a migração interna é algo que ocorre desde a formação territorial no Brasil, explicitando que as pessoas que saem de sua terra vão à busca de melhores oportunidades de condições de vida. Recorrente a isso, as causas desses movimentos são diversas, como a pesquisa retrata, é notório mencionar os problemas que repulsavam os nordestinos para outras regiões do país, a sobrevivência talvez fosse uma das principais causas dessas migrações. As estiagens, falta de empregos, conflitos de terra e principalmente atrações econômicas vindas de outras regiões fizeram possível essa trajetória de pessoas em busca de se estabelecerem em outros lugares.

Dos motivos citados acima é possível perceber que, no decorrer desse artigo, são usadas narrativas de dois migrantes que mostram claramente seus reais motivos da saída de **Morrinhos/Ceará** (município localizado no noroeste do estado, com uma população estima de 20.700 hab. e uma área de 415,556 km<sup>2</sup>) à **Santa Luzia do Pará/Pará** (município localizado no nordeste do estado do Pará, com uma população estimada de 19.348 hab. e uma área territorial de 1.356,124 km<sup>2</sup>) dados do IBGE Cidades<sup>3</sup>. Motivos estes que claramente as suas narrativas deixam evidentes, que a grande massa de morrinhenses que foi ao Norte (e também para o Oeste do Maranhão da Amazônia legal) em 1960 já adentrou muito antes do que se imagina, e a oportunidade que a floresta amazônica oferecia para os homens migrantes era um modo de sobrevivência na qual estava vinculada a economia primária (agricultura) e principalmente a mão de obra que as fazendas careciam de trabalhadores que pudessem exercer as atividades nas grandes fazendas.

A pesquisa busca valorizar as narrativas, memórias e as experiências dos entrevistados onde os dois migrantes relatam os motivos, trajetórias, trabalhos, diversões, momentos ruins e bons, suas saudades e ressaltam o retorno ao Ceará. São nessas narrativas que a pesquisa vai ter como enfoque os migrantes, os espaços e convivências nessa migração ocorrida na floresta amazônica no ano de 1980. Para a elaboração do artigo foi preciso leituras de cunho geográfico e histórico. Outra metodologia bastante usada foi a história oral de vida que consiste em dialogar com o narrador sobre um determinado assunto, tendo em vista que as narrativas são importantes fontes orais, para entender e compreender assuntos vivenciados por um coletivo (povo) ou indivíduo como assinala Alberti (2004).

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com autores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um dos seus principais alicerces é a narrativa. (ALBERTI, 2004, p. 77)

---

<sup>3</sup> Município de Morrinhos. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=230890> > Acesso em 13 de jan. 2017.

Município de Santa Luzia do Pará. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150655> > Acesso em 13 de jan. 2017.

## 2. MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL (1950-1970)

Falar em migrações internas no Brasil é necessário primeiramente analisar os aspectos regionais, econômicos e populacionais. Historicamente no Brasil sempre houve “idas” e “vindas” das populações para diferentes regiões do país principalmente por atividades econômicas que floresciam em determinadas regiões e atraíam pessoas (migrantes) de longe. A formação territorial dessa nação nem sempre foi definida com fronteiras como temos hoje, isso mostra que em diferentes períodos a ocupação do Brasil, ocorreu por meios de conquistas e em povoamentos para defender a costa litorânea de invasões.

As motivações de um coletivo ou indivíduo migrar a outro lugar é inúmero, pelo tamanho territorial do Brasil e as desigualdades entre as regiões possibilitaram que esses fluxos migratórios inter-regionais e interestaduais se fizessem presentes na história do Brasil. Estados mais pobres, como os do Nordeste que constantemente sofrem com as estiagens, por muito tempo expulsaram as pessoas para trabalharem e sobreviverem em outras regiões (Norte e Sudeste). Mas aí se levanta a pergunta, quais os motivos de uma pessoa migrar? Inúmeros motivos, como dito antes, mas Baptista (1988) dará muitos dos motivos de uma população ou pessoa migrarem.

Os motivos que impulsionaram o migrante a sair da terra de antes em busca de novas formas de viver, são decorrentes de inúmeros fatores, os adversos de expulsão e outros de atração, tais como: questões econômicas – miséria, fome, desemprego, latifúndio, exploração nas relações de trabalho, de terra para a economia de subsistência, estratégia camponesa para preservação do sítio, implantação da atividade pecuária; questões ambientais – variações climáticas (enchentes e secas), esgotamento dos solos; questões psicossociais – conflitos locais, frustrações, desavenças nas relações familiares, busca do imaginário urbano, vontade de viver outras experiências (BAPTISTA, 1998, p.106).

O mapa seguinte vai mostrar as principais correntes migratórias internas de brasileiros durante a segunda metade do século XX. É notório perceber que as três primeiras correntes migratórias foram de nordestinos para as demais regiões, percebendo assim, que os nordestinos sempre migraram em busca de melhores condições de vida, e um dos motivos dessas saídas na maioria das vezes era fugindo das grandes secas que tanto expulsaram. Diversos lugares serviram de ponto de chegada para os nordestinos, como os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Amazônia, Pará, Distrito Federal e dentre outros.



**Figura 01:** mapa de migração inter-regional.

**Fonte:** Centro de Estudos Migratórios. *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo, Paulina, 1986.

Antes da leitura do mapa é preciso destacar aspectos que no processo de migração, os migrantes saem de um espaço e vão ao encontro ou a convivência de outro. Dois conceitos fortes que são fundamentais no estudo de migração para entender o processo, é que existem as áreas de repulsão e atração, de maneira mais didática: as áreas de repulsão da população são aquelas que perdem população em consequência de estagnação econômica, concentração fundiária, fatores climáticos (caso das estiagens no Nordeste), utilização de tecnologias na agricultura dispensando trabalhadores no campo e entre outros. Enquanto as áreas de atração são aquelas áreas que são atrativas para as pessoas que vivem nos espaços de repulsão, como melhores ofertas de empregos, maior facilidade de acesso a terra e melhores condições de vidas.

É possível observar pelo mapa acima que as migrações inter-regionais ocorridas na segunda metade do século XX até o final, que os primeiros fluxos a se deslocarem foram os dos nordestinos, sobretudo na década de 1950 onde partiram em direção aos grandes centros urbanos, como São Paulo onde havia oportunidades de empregos. O segundo fluxo foi a partir da década de 1960 também de nordestinos, mas dessa vez em direção ao Norte em direção às novas áreas agrícolas e aos garimpos (foco principal da pesquisa migrante ao Norte). Os terceiros fluxos de migrantes são, sobretudo, do Nordeste e Sudeste para o Centro-Oeste (principalmente devido à construção de Brasília) entre as

décadas de 1960 a 1970. Enquanto o último fluxo (representado no mapa) não é mais de nordestinos, e sim da região Sul e Sudeste ao Centro-Oeste e Norte com a expansão das fronteiras agrícolas nesses locais. É notório observar que os nordestinos foram em grande parte os que mais migraram no país.

O geógrafo Rua (2003) enfatiza que as atividades econômicas que florescem em determinadas regiões, atraem migrantes, ou mão de obra e isso faz com que o modelo econômico neoliberal estabeleça que haja liberdade entre esses espaços, assim os migrantes se deslocam com liberdade para trabalhar e produzam. O espaço é tido com liberdade e a migração se faz como um exercício da mesma, movimentos dentro de um território.

[...] O espaço é concebido como um espaço de liberdade e a migração como o exercício dessa liberdade. As migrações são analisadas a partir de um olhar centrado na economia em que os migrantes são trabalhadores vistos como um fator de produção, tal como o capital e a terra. (RUA, 2003, p. 205).

Nessas mesmas perspectivas de pensamento é que Gomes (2006) exemplifica que o capital mobilizou esses migrantes, principalmente os nordestinos a destinos que eles pudessem trabalhar uma mobilidade talvez forçada, mas pela sobrevivência. São estratégicas como essa, que o capital seleciona e usam para sua reprodução, as áreas de destinos ou polos de atrações são onde esse capital necessita dessa mão de obra.

O capital mobiliza um exército de homens para a sua reprodução, o que explica os deslocamentos populacionais, os grandes fluxos de pessoas que buscam “melhores condições de vida”. A mobilidade não é apenas espacial, pode ser também social. Quando dimensionamos o contexto histórico no qual os nordestinos estão inseridos, vemos as condições políticas econômicas e sociais que “excluem” grande parcela dessa população dos elementos vitais de sua sobrevivência. Constatamos que essa migração é uma mobilidade forçada, uma estratégia que o capital usa para a sua reprodução. O capital acaba designando a esse grupo as áreas de destino, ou os chamados polos de atração [...]. (GOMES, 2006, p. 03).

Enquanto para Koucher (2014), o nível da migração é uma parte de uma interação de conjunto com outros processos globais que historicamente isso ocorre na humanidade desde muito tempo. Ele vai relacionar esses processos migratórios como um processo de desenvolvimento econômico principalmente para as regiões que acolhem esses migrantes. Ou seja, são nesses espaços que os migrantes vão construir suas sociabilidades e vida social.

### **3. METODOLOGIA**

Na realização dessa pesquisa, foram necessárias as narrativas e oralidades dos entrevistados para enfatizar o processo migratório que ocorreu na década de 1980 de Morrinhos, no Ceará à Santa Luzia do Pará, no estado do Pará. Isso demonstra como as memórias desses senhores são importantes ao contar coisas vivenciadas por eles, sobre vários assuntos: por que foram, de que maneira viajaram, como foram suas experiências e o cotidiano naquele território novo tão diferente de onde viveram. No decorrer do artigo, foi preservada a oralidade dos entrevistados e a forma de como eles se expressaram.

Uma das principais metodologias usadas neste presente artigo foi à história oral. Pois através dela, foi possível realizar as entrevistas nas residências dessas pessoas, assim conhecendo um pouco mais sobre suas histórias, vivências e as memórias que ocorreram em um determinado tempo e no espaço que viveram. São nesses diálogos que ocorrem entre os entrevistados e o pesquisador que estabelecem uma relação de ouvir, sentir e vivenciar coisas que só essas pessoas passaram que serão testemunhadas e ouvidas fazendo da história oral, uma metodologia científica tão diferente. Como afirma Portelli (1997) de que maneira ela é diferente é que nos conta menos sobre os eventos ocorridos na história do que significados, mostrando a exclusividade dessa metodologia.

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevista sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele da verificação [...] (PORTELLI, 1997, p. 31).

Utilizar a história oral não é apenas usar uma metodologia qualquer, ou fazer perguntas aos entrevistados de maneira mecânica. É ir a campo e buscar além daquilo que você sabe, é investigar e descobrir coisas que só as narrativas e as memórias podem nos dizer. É no decorrer da pesquisa que descobrimos que aquilo que era simplesmente local, se torna de maior dimensão e tem muitas vezes uma interdisciplinaridade com outra área, como a geografia, no caso desse artigo. Sales (2006, p. 34) enfatiza isso em sua tese, “Fazer história oral significa ir a campo, partir de uma pesquisa de dimensão local e descobrir, ao longo do processo, o crescimento e o seu alargamento, que poderão ter dimensão global, incluindo-os na relação com outras ciências”.

Como dito anteriormente, na pesquisa dialogamos com pessoas que participaram desse momento histórico de migração interna no Brasil, principalmente do Nordeste ao Norte enfatizando os morrinhenses. Os entrevistados selecionados para relatar suas vivências e experiências foram dois amigos. **José Lúcio da Silva**, 53 anos, casado, pai de dois filhos e agricultor (trabalha em uma fazenda no interior do município) e **Raimundo Lourenço da Rocha**, 55 anos, casado, pai de três filhos e

trabalha como segurança (vigia) da prefeitura de Morrinhos, talvez eles sejam os grandes autores desse artigo. Ainda quase teve participação de outros entrevistados, a família Vasconcelos<sup>4</sup> que reside no interior do município de Morrinhos e bem numerosa e que também vivenciaram esse processo em 1980. Iniciamos a entrevista, mas em poucos minutos a senhora parou de falar e não conseguiu continuar, por motivos de recordações de momentos ruins e mortes de entes queridos ocorrido no Pará. A responsável da família achou por motivo maior não ceder à entrevista para não recordar esses momentos e também por motivos de saúde. As experiências ruins deixam os entrevistados em situações de nervosismo e paralisação, nesse momento quando isso ocorrer escutamos muitos sofrimentos e temos que respeitar o silêncio do entrevistado, e sentimos aquilo junto com ele os momentos de confusão e emoção, como enfatiza Rovai (2013).

A catástrofe vivenciada, nesses casos, é muito grande para ser narrada sozinha. Promover o testemunho, pela história oral, torna-se processo de compartilhamento não apenas de histórias, mas de sofrimentos, medos e também de superações. Por isso, existem esses momentos em que o oralista precisa entrar no “buraco negro”, na ausência de palavras, de tradução, para compreender e respeitar os silêncios. Os relatos apresentam muitas vezes fronteiras, limites para as coisas que não têm expressão no vocabulário ordinário, metáforas para aliviar a dor. Equívoco, repetição e incompletude não são meros acidentes de narrativa, e sim revelações do clima de nervosismo, confusão e emoção. (ROVAI, 2013, p. 141).

Como um pesquisador inexperiente e adentrando nas primeiras entrevistas na história oral, foi fácil sentir muitas emoções com aquela pessoa que narrava sua vida nesse processo migratório ao Pará, que mais parecia um pesadelo. Vendo aquele momento difícil, uma pessoa da família resolveu não ceder e então entendi a dor e assim não quis também prejudicar seu estado de saúde, por se tratar de um senhora idosa. Nesses momentos o pesquisador deve parar, pois são memórias traumáticas que não devem ser publicadas sem a permissão da pessoa, o entrevistador precisa entender se a pessoa quer dar continuidade, ou não.

Pesquisadores inexperientes temem o momento em que o entrevistado começa a chorar. Mas a escuta atenta, a partilha das emoções, a sensibilidade no questionamento, a adoção de uma gestualidade afirmativa e a condução imaginativa da empatia ajudam o entrevistador a conter emoções perturbadoras e criar condições para a cura. A regra de ouro nas entrevistas que tomam um rumo inesperado – seja por resultar em fortes sentimentos de tristeza e dor, seja por causar constrangimento e vergonha – é dar ao entrevistado a opção de parar. O consentimento dado por ele antes da sessão não garante todo e qualquer direito ao entrevistador. Praticantes de história oral devem verificar a cada etapa do processo

---

<sup>4</sup> Sobrenome fictício usando para não revelar a família que por questão de traumas não cedeu à entrevista.

da entrevista se as testemunhas mantêm sua completa anuência. (DENIS, 2008, p. 59).

Também foram utilizadas referências bibliográficas de autores do curso de História que trabalharam as migrações cearenses para outras regiões, como Araújo (2014) que pesquisou os candangos cearenses para construção de Brasília (1956-1960), Cardoso (2008) nas trajetórias de migrantes para Amazônia e outros. E também autores da geografia como Rua (2003) no qual ele retoma as principais linhas teóricas de abordagem do fato migratório, e Gomes (2006) que aborda a liberdade de migração em uma perspectiva na produção do espaço, dentre outros autores que são citados no decorrer do artigo. Os dados secundários auxiliaram bastante para fomentar aspectos geográficos como: IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará) e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para mostrar as características dos municípios e números de migrantes.

#### **4. MIGRAÇÕES CEARENSES: PONTO DE PARTIDA AO PONTO DE CHEGADA**

Falar de migração nordestina também é falar de migração cearense, pois com certeza foi o povo que mais migrou historicamente no Brasil. O Estado do Ceará tem segundo o IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégica Econômica do Ceará), 93% do seu território no semiárido nordestino, com predominância de um clima Tropical Quente Semiárido. Isso mostra claramente como o clima vai influenciar nas vidas da população cearense, um lugar onde não tem chuvas regulares, e é incerto chover no ano e a falta de políticas públicas que garantam o acesso de água para plantio, trabalho e sobrevivência ,torna-se um verdadeiro dilema se vai haver água e sobrevivência no sertão. Dentre outras ações que historicamente sempre impulsionaram os cearenses a migrarem, foram às fugas de problemas sociais que eram comuns no Nordeste e a busca por melhores condições de vida, como cita Lima e Vale (2001):

As ações das forças impulsionadoras (estrutura social, econômica e fundiária, assentamentos rurais, relações de poder, programas governamentais, desemprego estrutural), e dos atores sociais (latifundiários, promovedores da migração, força de trabalho migrante), são fatores fundamentais, que levam o cearense a migrar. (LIMA; VALE, 2001, p. 2).

Ainda para Lima e Vale (2001), o impulso da migração de brasileiros e também de cearenses faz parte da organização da sociedade e da produção nacional. Mostrando que essa cultura de migração ocorre em diferentes aspectos, e de maneira interna e externa. O sonho de morar em uma



região onde garanta sua sobrevivência, trabalho, comida e principalmente uma ascensão social se tornou um “motor” de repulsão. O Ceará desde muito tempo era uma área de repulsão, o que deixa evidente atualmente que essa cultura de migrar aos poucos está deixando de existir, o número das massas se tornaram cada vez menores.

O impulso a migrar do brasileiro é um fato histórico e faz parte da organização da sociedade e da produção do espaço nacional. "A rigidez da estratificação social no Brasil é tão grande que para "melhorar de vida" ou "ascender socialmente", para uma grande maioria da população, sempre esteve associado à migração ou, melhor ainda, só era possível com a migração. Uma trajetória migratória se fundamenta nesta cultura". (LIMA; VALE, 2001, p. 2).

As migrações de cearenses a outros lugares ocorrem para Queiroz, Silvana Nunes, Baeninger, e Rosana (2015), pelas desigualdades e diferenças regionais ou pelos “ diferentes brasis” como os autores defendem que nesse grande território político chamado Brasil, as unidades federativas e também regiões apresentam diferentes aspectos como: econômicos, sociais, políticos e principalmente a qualidade de vida. Com certeza se você perguntar alguma pessoa do Ceará (principalmente do interior) se ele tem um parente que mora fora do Nordeste, à probabilidade da resposta é sim. E provavelmente os lugares de destinos dessas pessoas são: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Pará e Maranhão e a época com maior incidência em décadas de 1960 a 2000, se perguntar por que foram para esses lugares, irão responder isto: “arrumar um serviço”, “tentar a vida, aqui não tem nada” ou “ajudar a família”. Hoje você não vê tanto fluxo migratório como este, mas sim o inverso (isto já é outro assunto).

A cultura de migração nordestina é algo muito debatido nas academias ou nas mídias. Isso mostra claramente os estudos de migrações como o CEM (Centro de Estudos Migratórios) e LEM (Laboratório de Estudos Migratórios) da Universidade Federal de São Carlos dentre outras que estudam esses movimentos no Brasil. Também é importante destacar que na literatura brasileira, especificamente na terceira fase do modernismo, algumas obras de autores nordestinos como: *O Quinze* (1920) de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos começaram a falar do regionalismo dando ênfase aos problemas, sofrimentos e a realidade desse povo. Temas como questões sociais, estiagens (secas) e migrações de nordestinos se fizeram muito presentes em romances do século XX. Filmes, músicas, cordéis e documentários também podem ser citados, como esses meios reproduzem essa realidade tão forte na cultura do Nordeste.

A seguinte tabela apresenta números relativos de migrantes cearenses que foram ao Estado do Pará, na segunda metade do século XX. Nesse dado do IBGE, das referidas décadas, é possível perceber o número de cearenses que cresceu nas décadas seguintes, sabendo que houve um forte incentivo para povoar o imenso território do Norte e do Pará. Durante as décadas de (1960-1980) é

possível observar que o número de migrantes nessas décadas duplicou, enquanto (1970-1991) triplicou um número relativamente alto, em questão de tempo. A tabela (elaborada pelo autor) a seguir vai ilustrar melhor, em números esse processo em respectivas décadas.

**Quando 1** – Número de migrantes cearenses ao Estado do Pará: 1960 a 1991.

<b>Migrantes Cearenses ao Pará: 1960 a 1991</b>			
<b>Décadas</b>	<b>1960 a 1970</b>	<b>1970 a 1980</b>	<b>1981 a 1991</b>
<b>Migrantes</b>	<b>3.658</b>	<b>6.402</b>	<b>19.244</b>

Fonte: IBGE – Micro dados dos censos demográficos de 1960, 1970, 1980 e 1991.

## 5. PONTO DE PARTIDA: MORRINHOS - CEARÁ

O conceito de migração está muito discursado em relacionar o fenômeno de pessoas que deslocam para outros locais. No entanto entender a fundo esse fluxo é compreender o migrante em uma perspectiva de vida, sonhos, motivações e trajetória é isso que a pesquisa interessa. Nessa perspectiva que o conceito de migração está relacionado a uma situação de desequilíbrios espaciais e aos fatores de produção. Segundo Salim (1992, p. 122) “Entendem os movimentos migratórios como uma realidade correspondente à ‘mobilidade geográfica dos trabalhadores’, e qual emerge dos desequilíbrios espaciais dos chamados fatores de produção (terra, capital e recursos).”

Durante as entrevistas foram perguntado aos Senhores, qual foi o motivo de sair do Ceará ao Pará, o que impulsaram a isso e o que buscavam. E eles explicaram os reais motivos dessa migração. Como muitos migrantes de grande maioria agricultores que saem de seu lugar e vão a outro, eles vão à busca de trabalho vinculado à plantação, a terra e a sobrevivência. A analogia que se faz a esse destino que muitos foram em determinadas décadas ao Norte, se traz principalmente de se estabelecer em um espaço despovoado até a época, e de uma terra fértil que seria propícia a agricultura.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** A busca de trabalho, e a saudades também de ver a família há tanto tempo. Por que assim não sou natural daqui, sou das praias conhece Acaraú? Nasci lá, mas moro aqui um bom tempo. [...] Assim lá pela década de 60 minha família se mudou para lá (Pará), porque lá tinha trabalho de plantar, brocar, colher nas fazendas no meio do mato também né? Um lugar todo verde, lá era muito bom, nem parece aqui no Ceará. Ai convidei meu amigo, contei a ele sobre a viagem e se ele queria ter um trabalho, ele aceitou e fomos. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos-CE).

Esse foi os motivos que inicialmente que um dos migrantes mencionou, mas no entrelaçar da entrevista o mesmo disseram outros motivos e desejos pessoais de ida ao Norte do Brasil. Um relata as dificuldades que o Ceará tinha em relação aos trabalhos, principalmente em relação à agricultura como eles são agricultores e a hiperinflação dos preços na década de 80. O que o senhor Raimundo menciona em ir embora a um lugar onde haja sobrevivência está relacionada às correntes migratórias e os desequilíbrios econômicos nas regiões brasileiras apontados por Rua (2003). Para o autor, as migrações seriam um mecanismo de ajuste destinado a eliminar os desequilíbrios regionais e principalmente nos setores econômicos onde haja “excipientes” de mão de obra e aqueles onde haja “falta”. Que seria um fluxo entre as áreas ou regiões.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Nessa época era difícil às coisas no Ceará, o trabalho era tinha dificuldade. Viver de “fazer bico” não garantia ninguém não, principalmente a gente, que vive de roça, plantação e brocar. Em época de estiagem os preços aumentavam era um absurdo, o que a gente pode fazer filho? Tentar a vida em um lugar melhor né? Temos que buscar um lugar que tenha sobrevivência e trabalho. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos-CE).

É importante destacar esses outros movimentos pessoais que os entrevistados contaram. O senhor Raimundo Lourenço da Rocha menciona as dificuldades daquela época no Estado do Ceará nos anos de 1980, bem como a estiagem que desde a história sempre foi uma convivência dos nordestinos. Isso foi alvo de grande debate político dessa migração que ocorria do cearense á outras regiões do país. De acordo com Neves (2002) a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste foi um planejamento criado para conter as migrações que ocorria de cearenses a outras regiões, principalmente a Amazônica e o Maranhão. Regiões que necessitavam de mão de obra.

As memórias expressam as experiências de vida de pessoas que passaram e sentiram emoção naquele momento em determinada época. Nas entrevistas são os protagonistas que contam e relatam o trajeto de sua viagem ao Norte de maneira oral. Como ressalta Portelli (1997) as fontes orais nos dão informações sobre um povo iletrado e cuja história da escrita seja inexistente, como os próprios migrantes no caso se consideram analfabetos. Isso mostra que sem nenhum grau de instrução e eles só encontraram trabalho na agricultura, mas são senhores que tem uma história de vida dotada de experiência. A linha de ônibus que o senhor Lúcio relembra era Fortaleza-Sobral-Belém que levava muitos cearenses para essa parte do Brasil para trabalho principalmente era essa antiga linha.

**José Lúcio da Silva:** Assim, a passagem não lembra o preço. Mas lembro que era um ônibus que quase toda semana se não me engano, saiam de Fortaleza passava por Sobral e ia até o Pará [...] era muito boa a viagem, passei por muita cidade do Piauí e Maranhão e Pará. O único dinheiro que eu tinha era da minha passagem,

não tinha mais nada, mas quando chegasse eu ia arrumar um emprego mesmo. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos-CE).

Como ele não se lembrava do preço da passagem na época, ele não ousou palpar por ser a muito tempo atrás. Mas ele relata a viagem e como ele conheceu diversas cidades dos três Estados (Ceará, Piauí, Maranhão e Pará), a linha de ônibus que viajaram também estava na lembrança dele. São momentos que, só quem vivenciou pode contar, ativando as suas memórias através da oralidade, e se torna riquíssimo conhecer o que esses senhores vivenciaram. O comum de muitos migrantes é que saem de seus lugares, mas não tem emprego prometido, esses dois amigos mencionaram um fato impressionante:

**José Lúcio da Silva:** Eu não fui com emprego garantido, até porque não conhecia ninguém daquelas bandas. [...] as pessoas diziam que tinha emprego por lá, então era fácil caçar eu sai procurando. Tinha muitas fazendas, lá emprego para cabra macho não faltava. Lá era assim, cearense era afamado de ser trabalhador, o homem do Pará, pense nos homens preguiçosos. Isso foi bom consegui meu primeiro serviço foi numa fazenda no matagal adentro. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos-CE).

O senhor Raimundo Lourenço da Rocha reforça a ideia do amigo, lembrando que as entrevistas foram realizadas em dias e lugares diferentes. O homem cearense tinha essa fama de ser trabalhador, e diz o porquê do cearense ser tão resistente, e cita as causas das secas e do sol que os cearenses enfrentam. Tanto que ele ressalta que nas fazendas acontecia assim, quando chegava um ônibus os patrões ficavam nas varandas ou entrada procurando trabalhadores.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** eu e o Lulu (Lúcio da Silva) quando nós chegemos passamos só um ano, foi muito tempo, trabalhamos em fazendas diferentes. [...] Tinha vilinhas pequeninhas, mas o lugar era só mata, floresta amazônica pura, e olha só filho, quando chegamos no Pará nas portas da fazenda e nas varandas também, ficava lá os chefões, os fazendeiros só esperando os ônibus chegar e para que ele oferecia serviços e moradia e aledão mais tinha preferência, cearenses era os favoritos deles. Sabe por quê? Por que, nós cearenses, somos homens valentes, enfrentamos roçado no solzão daqui, sem reclamar, sempre nós convivemos com a seca e a fome e eles, nem sabe o que é isso [...] um lugar verde e fogueiro com a floresta Amazônia, é muito bom. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos-CE).

Os entrevistados são dois amigos, e, com certeza, outros homens da região próxima e das cidades circunvizinhas viajaram também. Mas na cidade deles mesmo, Morrinhos, não foi ninguém junto com eles, mas eles relatam que de outras cidades sim. Logo após, seu Lúcio tem lembranças de

peessoas que foram para o Pará, enfatizando seu pai e irmão que foram na década de 1960. E das pessoas do Ceará que também foram para lá.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** olha, teve pessoas que foram bem antes de mim para lá muita gente e famílias [...]. Nos anos 60 algumas pessoas da minha família foram, arrumaram emprego e hoje vive bem para quem foi sem quase sem nada, os que vão para lá e sabe fazer a vida não quer voltar para cá, há no ser para passear. [...] As pessoas que conheci na viagem foi muitos, mesmo foi homens do Massapê<sup>5</sup> e lá também quando cheguei, em cada fazenda, tinha um trabalhador e vaqueiro do Massapê em cada fazenda. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

**José Lúcio da Silva:** se eu lembro de pessoas que foi? Lembro, de meu pai que foi, mas isso foi nos anos 60 e do meu irmão que foi com ele e de uns senhores mas acho que tão é morto [...]. Também lembro que fiz muita amizade com o povo do Massapê, era muita gente que ia, chegava a lotar o ônibus. Meu primeiro serviço, na minha fazenda tinha amigos meus do Massapê que era peões cuidava do gado e dos roçados. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

## 6. PONTO DE CHEGADA: SANTA LUZIA DO PARÁ - PARÁ

Com a chegada desses migrantes à Santa Luzia do Pará, eles na primeira oportunidade que tiveram foram à procura de trabalho. Ao contrário dos migrantes nordestinos que foram ao Sudeste, principalmente para a grande São Paulo que procuravam serviços em fábricas ou comércios, a migração ocorrida para o Norte do Brasil durante os séculos XIX e XX, a grande maioria era mão de obra não qualificada e agricultores que tinham experiências na roça e em plantações. Uma região preocupada com a “perca de braços no campo”, possibilitou a vinda e propaganda de migrantes para trabalhar em áreas rurais despovoadas como fazendas e seringais no “centro do Pará ou Amazonas” CARDOSO (2008).

Quando se chegar ao lugar de destino, principalmente quando esse lugar tem aspecto físico, natural e cultural diferente, no começo se torna um estranhamento para quem se estabelece. No caso desses migrantes encontraram também essas diferenças na grande floresta amazônica. Como salienta Sayad (1998) para ele o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, para ele é também um espaço qualificado de muitos sentidos como socialmente, economicamente, politicamente e, sobretudo culturalmente. E são nesses espaços que os migrantes se estabelecem, eles começam a participarem dessa nova vida nesse lugar, suas convivências sociais nesse espaço se tornam novas

---

<sup>5</sup> Município localizado no noroeste do Ceará. Com uma população estimada (2016) de 37.892 hab. e com uma área territorial de 566,581 km<sup>2</sup>. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230800> Acesso em 13 de jan. 2017.

experiências adquiridas e uma teia de relações sociais que são estabelecidas nesse espaço de convivência.

Os entrevistados relatam e resgatam de suas memórias seus primeiros serviços, onde trabalhavam, seus patrões e quantos ganhavam nessa época. Senhor José Lúcio da Silva lembra muito bem disso, os detalhes do seu trabalho e até oportunidade de outros trabalhos e acidentes, o senhor Raimundo Lourenço da Rocha também passou por essa experiência de trabalho e patrões. Na narrativa do Senhor Raimundo mostra que ele teve seu primeiro emprego também, mas não se lembra de quase nada sobre o seu primeiro trabalho. Mas cita informações sobre suas atividades agrícolas.

**José Lúcio da Silva:** Eu me lembro como se fosse hoje, eu disse ao Raimundo enfim chegemo ao Parazão, eu entrando na entrada da fazenda do meu primeiro emprego. Quando eu cheguei no Pará fiquei na casa de uma família que o Raimundo parece que já conhecia, era parente distante sabe? [...] O patrauzão soube que tinha um cearense, era eu, boatos que eu era da Ibiapaba, mas eu era de Morrinhos mesmo, ele ficou sabendo rapaz, e mandou eu ir na fazenda dele que ele queria me fazer uma proposta, a proposta era um trabalho, cuidar dos bichos e dos roçados dele, [...] eu aceitei tive sorte na primeira semana consegui. O nome do meu primeiro patrão, ainda lembro, era o Senhor Pedro Magro ele era um dono de grande terra lá de Santarém, e a mulher dele era do Maranhão e tinha algumas filhas também. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Não lembro muito bem não, o Lulu trabalhou em outro lugar. Eu fiquei perto de uma vilinha perto, gostei muito do meu primeiro patrão era gente boa demais. Me pagava bem e nunca atrasou, lá eu plantei batata, feijão, milho, mandioca e broquei roçado dava comida aos bichos. [...] eu ganhava nesse tempo deixa eu ver... Não sei, mas era em cruzeiro ainda. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

O senhor José Lúcio da Silva ainda complementa sua vivência enfatizando um acidente no trabalho, a sua saída da fazenda do patrão Pedro Magro e experiência em outro trabalho bem diferente do que estava acostumado. E seu segundo emprego com um patrão cearense, do Massapê. Isso mostra claramente que já muitos anos, outros cearenses já migraram para o Pará, assim se tornando esses migrantes grandes donos de terras.

**José Lúcio da Silva:** Passei poucos mês na fazenda do seu Pedro Magro. Tive um acidente que quase morria, como eu cuidava dos cavalos eu galopa ai um certo dia eu cai e quase furi minha garganta mas graça a Deus fiquei vivo. [...] Assim, eu pedi as contas por que eu estava com abuso daquilo e ainda por cima, uma filha do patrão ficava direto me paquerando, e eu não gostava dela, e ainda queria mandar em mim. Eu ainda quase trabalhei no garimpo, todo mundo tava trabalhando naquilo, a procura de ouro e coisa brilhante. Mas não levei jeito, meu negócio é o mato e a enxada. [...] meu segundo patrão foi o senhor Biel, ele era cearense e

ainda era do Massapê melhor patrão que tive ainda trabalhei lá até ir embora. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

No relato do entrevistado há tanto memória individual como coletiva, e ainda, problemas que até hoje persistem em nossa sociedade. José Lúcio da Silva relata que durante o tempo que passou lá, viu coisas impressionantes que aconteceram na Amazônia coisas bizarras e mortais. Na memória dele, ele recorda das noites e ataques que ocorriam frequentemente aos índios, para tomarem as suas terras, coisas que ainda ocorreram no Brasil através da grilagem ou do massacre. Ele ainda vivenciou coisas que só a natureza mostra a caça em luta pela sobrevivência.

**José Lúcio da Silva:** eu me divertia assim, principalmente com os amigos em época de forró que acontecia nos bar. Tinha música e boa cachaça era assim minha vida no Pará, mas eu tinha muito cuidado, pois quando voltava para fazenda era perigoso encontrar uma cobra ou onça no caminho, a floresta era bonita mais também perigosa. A noite na selva era incrível, na época era só mata, sabe? Mata fechada e perigosa. Quando eu dormia na minha cabana [...] nós vivia na cabana mesmo de palha e de madeira, não era igual à de taipa. Na noite às vezes nem conseguia dormir, um dia quando quase dormia escutei zuada de gritos e tiros bem violentos ai parou, quando amanheceu meu amigo disse que era posseiro e grileiros que mataram índios, para roubar as terras deles. Filho, também vi, coisas que só a Amazônia tem, cobras caçando e devorando macacos, plantas boas e ruins[...]. (Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

## 7. O RETORNO MIGRANTE: CEARENSES DE VOLTA AO CEARÁ

A grande maioria de migrantes que sai, um dia volta, dependendo da ocasião e motivos, uns permanecem e outras voltam. Neste último tópico que finaliza com o retorno dos jovens migrantes, dizendo seus motivos e como foi essa partida, é também válido ressaltar que muitos, que um dia migraram, hoje são bem sucedidos fazendeiros no Norte. É fácil lembrar-se do ex-patrão do senhor José Lúcio da Silva, o senhor Biel, ele era cearense e massapense. Mostrando assim, que alguns migrantes se deram bem enquanto outros não.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** assim, como disse muitas pessoas daqui, do Ceará foram. Só lembro de homens do Massapê e famílias também. Mas tinha uma vila bem próxima que as casas só eram de famílias cearenses, inclusive tinha minha gente. [...] quem sabia se haver mudava de vida, com certeza sabe por que? Porque os patrões era bom, não era sovino, a comida eles davam e aquele trocadinho que você ganhava, você juntava e mais tarde você comprava uma ou duas cabeças de gado, ou um pedaço de roçado ai o cara só tinha a tendência a crescer. Hoje se você voltar ao Pará, e perguntar a origem dos fazendeiros, você verá que são na maioria cearense, muitos do Massapê. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

Senhor José Lúcio da Silva complementa sobre os migrantes que ascenderam economicamente no Norte do Brasil. Ele conta de uma lei de financiamento de terra (futuras pesquisas) para aqueles que queriam permanecer no Pará, e assim pagavam depois de muito tempo. Assim quem permanecesse depois de um tempo, ia comprando mais terra e assim criando animais, até conseguir uma renda alta no comércio da pecuária e agricultura. Esse financiamento não foi encontrado em lei, mas se acredita que foi uma espécie de incentivo para migrantes e não migrantes permanecerem no estado.

**José Lúcio da Silva:** Assim quando eu fui embora, o governo do Pará fez um financiamento para aquelas famílias que permanecesse com um pequeno pedaço de terra. Depois essas famílias compravam mais terras e compravam cabeças de gados e plantavam, assim ia gerando lucro para elas, nessa época lá ficou bem povoado [...] eu não quis não, eu vivia só, estava com saudades de minha terra e também tinha papocado meu dinheiro todinho. (Entrevista concedida 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

## 7.1 DE VOLTA A MINHA TERRA: “ADEUS PARÁ, E CEARÁ EU ESTOU VOLTANDO...”

Essa foi uma frase que marcou o momento da entrevista com senhor José Lúcio da Silva que até brincou nesse momento com essa frase. Ele foi o primeiro a querer vir embora e até convidasse o amigo, por que não saberia voltar sozinho. Um momento de felicidade para quem depois de um ano iria voltar para sua cidade e sua família. Nos últimos minutos das duas entrevistas, foi perguntando como foi o retorno de ambos, ao Ceará. E esse foi o momento de uma conversa mais direta entre o pesquisador e entrevistados de como ocorreu esse retorno, são palavras e olhares profundos em se expressar a felicidade de retornar a sua terra natal.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Eu vi embora mesmo porque o Lulu queria voltar e disse que estava com saudades então compramos os bilhetes de passagem e fomos embora para o Ceará.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Mas você queria vir embora mesmo?

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Sim, sim por que eu tinha minha mulher e filho pequeno em Morrinhos e tinha não papocado o dinheiro quase todo, e eu não ia ficar sozinho né?

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Você voltou com muito dinheiro de seu trabalho?

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Não, não, não pouquinho.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Você voltou para lá novamente?

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Sim, fui três vezes depois para casa da minha gente.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Seu Raimundo, muito obrigado pela entrevista.

**Raimundo Lourenço da Rocha:** Por nada, rapaz. (Entrevista concedida em 15/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).



Enquanto seu José Lúcio da Silva era o amigo que mais queria voltar. Talvez fosse a parte mais emocionante da entrevista, pois é nessa parte que o entrevistado relata seus motivos e felicidade de voltar.

**José Lúcio da Silva:** Eu queria ir embora então falei, Raimundo vou embora e só vou se for contigo por que não sei voltar sozinho. A gente comprou a passagem e se mandemos para onde eu nunca deveria ter saído, fiquei muito feliz por que estava voltando para meu Ceará.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** De quem você mais sentiu saudades?

**José Lúcio da Silva:** Assim rapaz, foi da minha mãe e dos meus amigos que eu jogava de bola quando era rapaz.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** E você voltou com muito dinheiro, como você queria?

**José Lúcio da Silva:** Menino... Eu fiz foi gastar tudinho. O dinheiro que tinha foi para comprar a passagem para Sobral e depois para o Morri. A única coisa que trouxe para minha mãe foi um bolo de um real que comprei no mercado de Sobral. Minha mãe disse que o importante era eu ter voltado com vida, depois de um ano sem contato.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Você pretende um dia voltar ou passear?

**José Lúcio da Silva:** Morar não, Deus me livre. Agora passear quem sabe.

**Francisco Ariel dos Santos Silva:** Obrigado pela entrevista, seu Lúcio.

**José Lúcio da Silva:** De nada, precisando filho.

(Entrevista concedida em 10/10/2016, na sua residência, em Morrinhos/CE).

## 8. CONSIDERAÇÕES

A pesquisa tem como metodologia principal a história oral, pois sem ela não haveria esses relatos de vivências de dois amigos que se aventuraram ao Pará. Foi gratificante cada momento da conversa, conhecer os motivos, os por quês, alegrias e tristezas que compõe essa pesquisa, a sensação de estar perto a perto com o entrevistado, sentir os seus sentimentos e ouvir suas histórias. Assim a pesquisa pode se considerar interdisciplinar, pois foram usados tanto dados e metodologias da história e da geografia no estudo de migração interna do Brasil, respectivamente do Ceará ao Pará. Autores que estudam essa migração e esse fluxo foram utilizados, trazendo assim uma pesquisa local que apresenta uma característica regional de migração Nordeste- Norte.

A pesquisa não apresenta resultados por ser uma pesquisa inicial e ainda está em andamento em encontrar outros migrantes para mostrar suas experiências, trajetórias e motivações no sonho que muitos foram e tantos voltaram. Ficando assim evidente, que essa pesquisa é um ensaio inicial.

## FONTES ORAIS

Entrevista realizada com **José Lúcio da Silva**, na sua residência em Morrinhos, em 10/10/16.

Entrevista realizada com **Raimundo Lourenço da Rocha**, em sua residência em Morrinhos, em 15/10/16.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em história oral. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ARAÚJO, Cosma Silva de. **Histórias e memórias dos candangos de Araquém na construção de Brasília (1956-1960)**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2014.

BAPTISTA, D. M. T. **Nas terras do “Deus Dará”**: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. (Tese de doutorado em Ciências Sociais) – São Paulo, PUC, p. 106, 1988.

CARDOSO, A. A. I. **Trajetórias migrantes entre a província do Ceará e a Amazônia: deslocamento e representações (1852-1877)**. 2008. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

DENIS, philippe. **A ética em história oral na África do Sul**. *Oralidades*. Revista de História Oral, São Paulo, n.3, p. 59, jan/jun. 2008.

GOMES, S. C. **Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos**. Imaginário – USP, vol. 12, n° 13, p. 143-169, 2006.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). **Caracterização territorial**. Fortaleza. 2010. Disponível em: <[http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ceara\\_em\\_numeros/2010/territorial/01\\_caract\\_territorial.pdf](http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ceara_em_numeros/2010/territorial/01_caract_territorial.pdf)> Acesso em 23 de nov. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=230890>> Acesso em 13 de jan. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150655>> Acesso em 13 de jan. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230800>> Acesso em 13 de jan. 2017.

KOUCHER, Ademir Barbosa. **Migrações internas no Brasil: novo problema, novos cenários**. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 141. Jun. 2014.

LIMA, L. C; VALE, A. L. F. **Migração e mudança social: a influência do migrante do sertão nordestino no Norte do Brasil.** *Scripta Nova Revista Eletrônica de Geografia y ciencias sociales.* Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] n. 94 (82), 1 de agosto e 2001.

NEVES, Frederico de Castro. **A seca na história do Ceará.** In: Uma nova história do Ceará. Simone de Souza. (org). UFC, Fortaleza, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Revista História. São Paulo , fevereiro 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral.** Revista Projeto História. São Paulo, abril, 1997.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 86. Ed. José Olympio, 2009.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; BAENINGER, Rosana. **“Evolução das Migrações Interestaduais Cearenses: Análise para os Decênios de 1960/1970, 1970/1980, 1981/1991, 1990/2000 e 2000/2010** p. 27-50 In: Ricardo Ojima, Wilson Fusco. *Migração Nordestina no século 21 – Um Panorama Recente*, São Paulo: Editor Edgar Blücher, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Record, 74<sup>a</sup> edição, 1988.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença.** Revista História Oral, v. 16, n. 2, p. 141, jul/dez 2013.

RUA, João. **Paus-de-arara e pardais: o Brasil migrante em começos do século XXI.** GEOINOVA, Revista de Geografia e Planejamento Regional, Lisboa, Universidade Nova, n.8, 2003.

SALES, Telma Bessa. **Canudenses na cidade de São Paulo: memórias e experiências (1950-2000).** (Tese- Doutorado em História). Programa de Pós- Graduação da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, p. 34, 2006.

SALIM, Celson Amorim. **Migração: o fato e a característica teórica.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8, Anais... São Paulo, 1992: ABEP. v. 3.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade,** Edusp, São Paulo, 1998.

SOUZA. Itamar de. **Migrações Internas no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes & Fundação José Augusto, 1980.